

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
Comissão Executiva do Vestibular

VESTIBULAR 2014.2

REDAÇÃO/LÍNGUA FRANCESA

2ª FASE - 1º DIA: 20 DE JULHO DE 2014

DURAÇÃO: 04 HORAS

INÍCIO: 09 horas

TÉRMINO: 13 horas



Após receber o seu **cartão-resposta**, copie, nos locais apropriados, uma vez com **letra cursiva** e outra, com **letra de forma**, a seguinte frase:

Bom ânimo produz vencedores.

ATENÇÃO!

Este caderno de provas contém:

- Prova I – Redação;
- Prova II – Língua Francesa, com 20 questões;
- Folha Definitiva de Redação (encartada).

Ao sair definitivamente da sala, o candidato deverá assinar a folha de presença e entregar ao fiscal de mesa:

- o CARTÃO-RESPOSTA preenchido e assinado;
- a FOLHA DEFINITIVA DE REDAÇÃO;
- o CADERNO DE PROVAS.

Será atribuída nota zero, na prova correspondente, ao candidato que não entregar seu cartão-resposta ou sua folha definitiva de redação.

NÚMERO DO GABARITO

Marque, no local apropriado do seu cartão-resposta, o número 1, que é o número do gabarito deste caderno de provas e que se encontra indicado no rodapé de cada página.

OUTRAS INFORMAÇÕES PARA A REALIZAÇÃO DAS PROVAS ENCONTRAM-SE NA FOLHA DE INSTRUÇÕES QUE VOCÊ RECEBEU AO INGRESSAR NA SALA DE PROVA.

RASCUNHO DA REDAÇÃO

Se desejar, utilize esta página para o rascunho de sua redação. Não se esqueça de transcrever o seu trabalho para a folha específica da Prova de Redação.

Esta página não será objeto de correção.

NÃO EScreva
NAS COLUNAS
T e F

		T	F
	01		
	02		
	03		
	04		
	05		
	06		
	07		
	08		
	09		
	10		
	11		
	12		
	13		
	14		
	15		
	16		
	17		
	18		
	19		
	20		
	21		
	22		
	23		
	24		
	25		
TOTAL			

PROVA I: REDAÇÃO

Prezado(a) vestibulando(a),

Considerando a perspectiva de reflexão sobre a realidade, que vem orientando as propostas de escrita dos vestibulares da UECE, propomos, como ponto de partida para o desenvolvimento desta prova, o tema geral **MITO**, um conceito abrangente que pode ser abordado sob diferentes pontos de vista.

Como primeiro procedimento para o desenvolvimento de sua prova, leia os textos de 1 a 5, que tratam dessa temática de forma direta ou indireta.

Texto 1

Mito

- relato fantástico [...] protagonizado por seres que encarnam, sob forma simbólica, as forças da natureza e os aspectos gerais da condição humana; lenda, fábula, mitologia
- representação de fatos e/ou personagens históricos, freq. deformados, amplificados através do imaginário coletivo e de longas tradições literárias orais ou escritas
- exposição alegórica de uma ideia qualquer, de uma doutrina ou teoria filosófica; fábula, alegoria
- construção mental de algo idealizado, sem comprovação prática; ideia, estereótipo
- valor social ou moral questionável, porém decisivo para o comportamento dos grupos humanos em determinada época; mitologia
- afirmação fantasiosa, inverídica, que é disseminada com fins de dominação, difamatórios, propagandísticos, como guerra psicológica ou ideológica; mitologia

Adaptado de Houaiss, p. 1936.

Texto 2

No texto “Desafios da ética”, que aborda a ética no jornalismo, os autores Miguel Pereira e Fernando Ferreira afirmam: “No momento em que o jornalista escolhe uma pauta ou recebe uma de seu editor, começam seus dilemas éticos. Não exatamente pelo conteúdo de seu tema, mas pelos métodos que elabora para a sua apuração. É comum o uso do que está à mão como primeira investida. No entanto, a checagem correta da informação exige o rigor absoluto da verdade como norma da ação investigativa. Descobrir essa verdade, encontrar as provas, enfim, buscar, com isenção, o melhor caminho para revelar os fatos ao leitor, telespectador ou ouvinte é a obrigação primeira do jornalista. É o seu imperativo ético”.

(Em: Caldas, Álvaro (org.). Deu no jornal: o jornalismo impresso na era da Internet. – Ed. PUC-Rio; Loyola, 2002, p. 197). <http://www.opovo.com.br/app/opovo/opiniao/2014/01/18/noticiasjornalopiniao,3192924/um-olhar-critico-sobre-o-jornal.shtml>

Texto 3

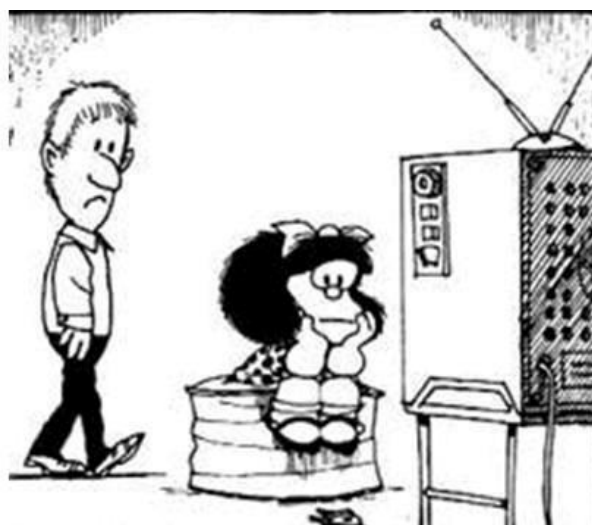
Vivemos uma etapa da história em que somos bombardeados a todo momento por um excesso de informações, não raras vezes díspares e contraditórias, a ponto de, em determinadas circunstâncias, ficarmos sem saber mesmo em que ou em quem acreditar. Diante de tal situação, os meios de comunicação de massa desempenham um papel importantíssimo como veículos privilegiados de disseminação da informação. Ao tempo em que noticiam fatos e acontecimentos, atuam também como formadores de opinião. Nesse sentido, o seu papel é de capital importância. Não se deve olvidar que as informações nem sempre são objetivas ou isentas. As empresas de comunicação estão imersas em uma sociedade movida por interesses de natureza política, financeira etc. Tais interesses, em certos momentos, podem comprometer seriamente o enfoque adotado em face da informação levada a público.

<http://www.opovo.com.br/app/opovo/opiniao/2014/01/18/noticiasjornalopiniao,3192924/um-olhar-critico-sobre-o-jornal.shtml>

Texto 4

<p>Chapeuzinho Amarelo – poema de Chico Buarque de Holanda</p> <p>Era a Chapeuzinho Amarelo Amarelada de medo Tinha medo de tudo, aquela Chapeuzinho.</p> <p>Já não ria Em festa, não aparecia Não subia escada, nem descia Não estava resfriada, mas tossia Ouvia conto de fada, e estremezia Não brincava mais de nada, nem de amarelinha</p> <p>Tinha medo de trovão Minhoca, pra ela, era cobra E nunca apanhava sol, porque tinha medo da sombra</p> <p>Não ia pra fora pra não se sujar Não tomava sopa pra não ensopar Não tomava banho pra não descolar Não falava nada pra não engasgar Não ficava em pé com medo de cair Então vivia parada, deitada, mas sem dormir, com medo de pesadelo Era a Chapeuzinho Amarelo...</p> <p>E de todos os medos que tinha O medo mais que medonho era o medo do tal do LOBO. Um LOBO que nunca se via, que morava lá pra longe, do outro lado da montanha, num buraco da Alemanha, cheio de teia de aranha, numa terra tão estranha, que vai ver que o tal do LOBO nem existia.</p> <p>Mesmo assim a Chapeuzinho tinha cada vez mais medo do medo do medo do medo de um dia encontrar um LOBO Um LOBO que não existia.</p> <p>E Chapeuzinho amarelo, de tanto pensar no LOBO, de tanto sonhar com o LOBO, de tanto esperar o LOBO, um dia topou com ele que era assim: carão de LOBO, olhão de LOBO, jeitão de LOBO, e principalmente um bocão tão grande que era capaz de comer duas avós, um caçador, rei, princesa, sete panelas de arroz... e um chapéu de sobremesa.</p>	<p>Mas o engraçado é que, assim que encontrou o LOBO, a Chapeuzinho Amarelo foi perdendo aquele medo: o medo do medo do medo do medo que tinha do LOBO.</p> <p>Foi ficando só com um pouco de medo daquele lobo. Depois acabou o medo e ela ficou só com o lobo.</p> <p>O lobo ficou chateado de ver aquela menina olhando pra cara dele, só que sem o medo dele. Ficou mesmo envergonhado, triste, murcho e branco- azedo, porque um lobo, tirado o medo, é um arremedo de lobo. É feito um lobo sem pelo. Um lobo pelado.</p> <p>O lobo ficou chateado. Ele gritou: sou um LOBO! Mas a Chapeuzinho, nada. E ele gritou: EU SOU UM LOBO!!! E a Chapeuzinho deu risada. E ele berrou: EU SOU UM LOBO!!!!!!!!!!!!!!</p> <p>Chapeuzinho, já meio enjoada, com vontade de brincar de outra coisa. Ele então gritou bem forte aquele seu nome de LOBO umas vinte e cinco vezes, que era pro medo ir voltando e a menininha saber com quem não estava falando:</p> <p>LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO BO LO</p> <p>Aí, Chapeuzinho encheu e disse: "Pára assim! Agora! Já! Do jeito que você tá!" E o lobo parado assim, do jeito que o lobo estava, já não era mais um LO-BO. Era um BO-LO. Um bolo de lobo fofo, tremendo que nem pudim, com medo de Chapeuzim. Com medo de ser comido, com vela e tudo, inteirim.</p> <p>Chapeuzinho não comeu aquele bolo de lobo, porque sempre preferiu de chocolate. Aliás, ela agora come de tudo, menos sola de sapato. Não tem mais medo de chuva, nem foge de carrapato. Cai, levanta, se machuca, vai à praia, entra no mato, Trepas em árvore, rouba fruta, depois joga amarelinha, com o primo da vizinha, com a filha do jornalista, com a sobrinha da madrinha e o neto do sapateiro.</p> <p>Mesmo quando está sozinha, inventa uma brincadeira. E transforma em companheiro cada medo que ela tinha:</p> <p>[...]</p>
--	--

Texto 5



Ao ler o Texto 1, um verbete sobre MITO, você pôde constatar que as definições resumem-se a dois enfoques principais: (A) **mito como elemento da fantasia e do lúdico** (três primeiras definições);

(B) **mito como falseamento da realidade** (três últimas definições).

Para desenvolver sua redação, você deve adotar um desses enfoques – (A) ou (B) –, que estão contemplados, respectivamente, nas sugestões de escrita **1** e **2**, a seguir:

Sugestão 1: Adotando o mesmo procedimento de Chico Buarque de Holanda, que no Texto 4 desconstrói o mito Chapeuzinho Vermelho (a menina inocente e o lobo mau), reescreva outra história (conto, fábula ou lenda) conhecida. (Observação: a narrativa deve ser escrita em prosa, **NÃO** em verso).

Sugestão 2: Em um artigo de opinião, critique o que você considera um mito criado pelos meios de comunicação atuais usando argumentos para desconstruí-lo.

PROVA II - LÍNGUA FRANCESA

TEXTE

UN BOUQUET DE MOTS

1 L'institutrice, qui aimait les définitions,
2 demandait à la classe: qu'est-ce qu'une
3 langue? Les élèves se mettaient à papoter, à
4 tourner autour des phrases et des mots. Mais
5 personne n'arrivait à trouver une définition
6 exacte, genre une langue est une manière de
7 parler... un système de signes... Il faut dire
8 que nous n'avions jamais appris ces manières
9 carrées d'enfermer le monde dans des
10 définitions pointues. J'ai répondu avec une
11 certaine audace: une langue est un bouquet
12 de mots. Les camarades de classe ont ri.
13 L'institutrice avait simplement noté sur le
14 tableau noir la réponse en grandes lettres
15 détachées. Tout le monde récitait : une
16 langue est un bouquet... Mon Dieu que j'étais
17 content de moi, quand les camarades
18 scandaient chaque syllabe! Ensemble, ils
19 tournaient autour de mon bouquet. Ils
20 finissaient par donner un sens au mot langue.
21 Ils faisaient alors ce qu'ils voulaient du
22 bouquet. Dans leur tête, ils s'étaient imaginés
23 tellement de choses... C'était simple pour moi.
24 J'aimais le mot bouquet. J'avais simplement
25 osé le lancer comme une pierre.
26 Une langue serait donc un bouquet,
27 quelque chose de grand, de beau et de doux.
28 L'humanité aussi serait un bouquet. Quelque
29 chose qui pousse et dont on devrait prendre
30 soin comme s'il s'agissait d'une plante fragile.
31 J'imaginai le bouquet grimper, telle une
32 ceinture invisible, autour de nos vies et nous
33 rendre solidaires et utiles.
34 Le bouquet est aussi signe d'abondance.
35 Du don. Voici le mot. Don de la langue. Don
36 de la nature. Don de soi. C'est ainsi qu'on se
37 touche, se parle, et s'écrit dans la générosité
38 des mots dont les bouquets forment les livres.
39 Depuis, je vois le monde plus clair, telle une
40 succession de bouquets... Cela a pris du temps
41 avant de remarquer la chose suivante. Les
42 camarades, trente ans après, m'arrêtent et
43 m'apostrophent: Monsieur Bouquet. Je riais à
44 mon tour et savais une chose: un bouquet est
45 toujours une chose nécessaire. Pour la rose.
46 Pour l'arbre. Aussi pour l'abeille. Pour les
47 yeux. Pour les oiseaux. Aussi pour le ciel. Pour
48 les êtres humains. Et que seraient donc de
49 nos vies sans les bouquets?

Adapté du texte Un bouquet de mots, Rodney
Saint-Éloi, in Dis-moi dix mots semés au loin, 2013.

**Après la lecture attentive du texte,
répondez aux questions suivantes.**

01. Selon l'extrait du texte "...une langue est une manière de parler... un système de signes... (lignes 6 et 7), l'auteur

- A) définit la langue à partir de la conception de l'institutrice.
- B) donne des exemples de possibles définitions de langue.
- C) critique les élèves qui ne savent pas définir la langue.
- D) renferme le monde dans quelques définitions pointues.

02. Lorsque dans la salle de classe à l'école, l'élève-auteur définit la langue comme "un bouquet de mots" (lignes 11 et 12), sa définition

- A) a été refusée par l'institutrice à cause de l'incohérence linguistique y contenue.
- B) a été critiquée par les élèves qui ont mal compris le rapport entre bouquet et langue.
- C) a déclenché une discussion autour des expressions bouquet de mots et langue.
- D) a fait changer la conception actuelle de langue en lui attribuant un nouveau sens.

03. De l'extrait "Ils faisaient alors ce qu'ils voulaient du bouquet. Dans leur tête, ils s'étaient imaginés tellement de choses..." (lignes 21-23) on comprend que

- A) les élèves jouaient avec le mot *bouquet*, en essayant de découvrir un rapport entre sa définition et celle de *langue*.
- B) le déroulement de la classe a suivi une telle stratégie que le professeur n'a pu contrôler les élèves.
- C) le professeur et les élèves se sont obligés à élargir le sens du mot bouquet et la définition de langue s'est perdue dans le cadre d'une théorie linguistique.
- D) personne dans la salle de classe n'est arrivé à la définition précise et la question du professeur n'a pas eu l'explication attendue.

04. Le sentiment exprimé par l'élève-auteur, après avoir présenté la définition de langue comme bouquet de mots, est de

- A) peur.
- B) tristesse.
- C) joie.
- D) haine.

05. Dans la phrase: "J'avais simplement osé le lancer comme une pierre". (lignes 24 et 25), l'expression "comme une pierre" représente

- A) une option pour entamer une discussion et ne pas tomber dans le vide.
- B) une explication quelconque sans intention de contribuer dans la salle de classe.
- C) une affirmation qui garantirait la possibilité de participation pour avoir la note.
- D) un propos difficile mais capable de troubler un dialogue avec le professeur.

06. Dans les deux derniers paragraphes, les images, les métaphores abondent et suggèrent l'idée suivante:

- A) l'auteur traite avec dédain ce qui devrait être expliqué par la grammaire.
- B) pour définir la langue il faut le faire de manière objective et précise.
- C) on peut comprendre la langue sans comprendre le sens poétique des choses.
- D) tout ce qui se rapporte au bouquet sert à définir le mot *langue*.

07. Le mot "don" se répète plusieurs fois aux lignes 35 et 36, dans le sens de

- A) sacrifice.
- B) bienfait.
- C) titre.
- D) dôme.

08. La notion de bouquet rapportée à l'humanité nous rappelle le sentiment de/d'

- A) espoir.
- B) passion.
- C) jalousie.
- D) solidarité.

09. Concevoir un bouquet comme une chose nécessaire signifie

- A) comprendre le vrai sens d'un état de solitude.
- B) évaluer l'importance de chaque élément qui le compose.
- C) penser inévitablement à son caractère d'ensemble.
- D) remarquer les conditions éphémères de notre existence.

10. Il en découle qu'un bouquet est quelque chose de nécessaire pour les yeux parce qu'

- A) on a besoin de voir les choses avec plus de clarté.
- B) il nous fait voir l'expression de la beauté dans un ensemble.
- C) il est toujours important de voir l'aspect invisible des choses.
- D) il y a des choses sur lesquelles on ne peut pas lancer un regard.

11. Avec la dernière question posée dans le texte "Et que seraient donc de nos vies sans les bouquets?" (lignes 48 et 49), l'auteur renforce

- A) l'idée du bouquet pour définir la langue comme nous étant indispensable.
- B) ses critiques concernant les définitions fragiles de langue données par les élèves.
- C) sa joie d'être appelé, quelques années plus tard, Monsieur Bouquet.
- D) les doutes dans l'apprentissage des élèves qui ne savent pas définir le mot langue.

12. À partir de l'idée de rassemblement contenue dans le dernier paragraphe du texte sur le mot bouquet, celui qui **NE FAIT PAS** partie de la même idée est

- A) ceinture.
- B) rose.
- C) arbre.
- D) abeille.

13. Dans le premier paragraphe du texte, les verbes qui sont à l'imparfait indiquent

- A) des instants déjà réalisés et d'autres instants à venir.
- B) ce qui est conféré à une notion pour une durée indéterminée.
- C) le déroulement temporel du procès situé dans le passé.
- D) un moment du passé qui s'enchaîne à un autre moment.

14. Dans la première phrase du texte, il se donne un exemple de reproduction de l'énonciation selon le modèle linguistique du discours

- A) indirect.
- B) direct.
- C) indirect libre.
- D) direct transposé.

15. Dans la phrase "Il faut dire que nous n'avons jamais appris ces manières carrées d'enfermer le monde dans des définitions pointues." (lignes 7-10) les adjectifs épithètes "carrées" et "pointues" ont la même valeur sémantique de

- A) semblables et anodines.
- B) floues et susceptibles.
- C) marquées et pointilleuses.
- D) limitées et précises.

16. Les pronoms anaphoriques "qui" et "dont" présents dans la phrase "Quelque chose qui pousse et dont on devrait prendre soin comme s'il s'agissait d'une plante fragile". (lignes 28-30) renvoient à

- A) un même référent.
- B) deux référents différents.
- C) n'importe quel référent.
- D) deux référents synonymes.

17. La valeur sémantique de la phrase "J'imaginai le bouquet grimper, telle une ceinture invisible, autour de nos vies et nous rendre solidaires et utiles." (lignes 31-33) se construit à l'aide de la figure de rhétorique nommée

- A) métonymie.
- B) antithèse.
- C) métaphore.
- D) synecdoque.

18. Dans le groupe nominal "Du don" (ligne 35) le nom est précédé d'un mot grammatical qui

- A) ne s'emploie que devant des noms de matière que l'on ne peut pas compter.
- B) se compose de la forme élidée de l'article défini et de la préposition "de".
- C) est pris dans une quantité renvoyant parfois à un ensemble dénombrable.
- D) s'emploie devant des noms abstraits renvoyant à un ensemble indénombrable.

19. Nommer l'auteur "Monsieur Bouquet" (ligne 43) constitue un exemple de/d'

- A) hyperbole.
- B) euphémisme.
- C) métonymie.
- D) anaphore.

20. Dans la dernière phrase du texte " Et que seraient donc de nos vies sans les bouquets?" (lignes 48 et 49), le verbe au conditionnel exprime

- A) une réflexion non-accomplie dans le passé.
- B) le non-accomplissement de la réflexion évoquée.
- C) avec une certaine réserve l'information déjà passée.
- D) l'information donnée avec une certaine ironie.